



Entre Humanos e Máquinas: Mídia, Inteligência Artificial e Plataformização¹
Between Humans and Machines: Mediatization, Artificial Intelligence, and Platformization

Jullena Santos de Alencar Normando

Luiz Signates

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Mídia; Tensionamentos.

A ascensão da Inteligência Artificial (IA) e a crescente plataforma da comunicação têm transformado profundamente os processos de produção, circulação e validação do conhecimento na sociedade contemporânea. No contexto da mídia, essa nova configuração comunicacional não apenas reorganiza fluxos informacionais, mas também redefine as relações entre mídia, tecnologia e interação social. Nesse cenário, os algoritmos não são meros mecanismos técnicos, mas agentes estruturantes da comunicação, operando como mediadores da visibilidade, da relevância e do controle simbólico das informações que circulam no ambiente digital. Diante desse panorama, surge a seguinte questão-problema: “como a inteligência artificial e os algoritmos das plataformas digitais reconfiguram os processos de significação e circulação do conhecimento na sociedade midiática?”

A relevância dessa investigação se justifica pela centralidade que a IA e as plataformas digitais assumiram na organização dos discursos públicos e nas disputas pelo reconhecimento social. Se, por um lado, essas tecnologias possibilitam novas formas de interação, aprendizado e experimentação comunicacional, por outro, introduzem camadas

¹ Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP



invisíveis de regulação algorítmica (conforme interesses comerciais) que afetam diretamente a autonomia informacional dos sujeitos. Nesse sentido, compreender as tensões entre midiatização, inteligência artificial e plataformização é essencial para analisar os impactos dessas transformações nos modos de produção e circulação do conhecimento.

O objetivo deste estudo é analisar criticamente o papel da IA e dos algoritmos na reconfiguração dos processos comunicacionais, articulando essa discussão às teorias da midiatização e da plataformização. Para isso, o artigo se apoia nas contribuições teóricas de Jairo Ferreira (2022), Lucrécia Ferrara (2022), José Luiz Braga (2022) e Tarleton Gillespie (2010, 2014, 2021). Metodologicamente, este estudo adota uma abordagem teórico-conceitual fundamentada na perspectiva metateórica, conforme proposta por Luiz Signates (2025) e que começa a ser aplicada pelos autores deste trabalho, ao problema comunicacional fundado pela crescente atuação das IAs (Normando e Signates, 2025 e 2025a).

1. Midiatização e o conhecimento na Era Digital

A interseção entre inteligência artificial, midiatização e plataformização pode ser analisada a partir das contribuições de Jairo Ferreira, Lucrécia Ferrara, José Luiz Braga e Tarleton Gillespie, cujas reflexões permitem compreender como os processos comunicacionais são reconfigurados pela mediação algorítmica e pelas infraestruturas digitais. De acordo com Ferrara, a midiatização constitui um dos elementos centrais dos debates em comunicação, configurando uma matriz de tensionamentos epistemológicos que desafiam as abordagens tradicionais da área (Ferrara, 2022, p. 16). Esse caráter inovador da midiatização implica que não basta reconhecer que a comunicação constrói a realidade social; é necessário entender como essa construção ocorre e quais são seus impactos para a produção do conhecimento. Nesse sentido, a comunicabilidade – enquanto processo dinâmico e contínuo – se apresenta como uma base empírica para a



formulação de inferências teóricas e interpretativas sobre a circulação da informação (Ferrara, 2022, p. 17).

A noção de comunicabilidade também é fundamental para a compreensão dos processos de aprendizagem e invenção no ambiente midiático. Como aponta Lucrécia Ferrara, há uma transição da aprendizagem para a invenção, na qual a descoberta acontece por meio da formulação de hipóteses e inferências sucessivas, que acumulam conhecimento ao longo do tempo (Ferrara, 2022, p. 18). Esse processo se torna especialmente relevante na análise do impacto da inteligência artificial na comunicação digital, uma vez que os algoritmos, ao atuarem como mediadores, não apenas organizam a informação, mas também influenciam ativamente a produção de novos significados.

Braga contribui para essa discussão ao destacar que a introdução de novas tecnologias na sociedade gera períodos de instabilidade, durante os quais os padrões interacionais são redefinidos e a sociedade precisa aprender a lidar com novas formas de mediação comunicacional (Braga, 2022, p. 51). A IA, ao estruturar fluxos informacionais e definir critérios de visibilidade, insere-se nesse processo de invenção social descrito por Braga, no qual as tecnologias inicialmente seguem padrões estabelecidos, mas, ao longo do tempo, passam por ressignificações e assumem novas funções dentro do ecossistema comunicacional.

2. Plataformização, Algoritmos e Disputas pelo Controle da Informação

A mediação, conforme indica Ferrara, deve ser vista como um experimento social contínuo, onde a invenção desempenha um papel central. A autora destaca que, enquanto criador dos meios técnicos, o ser humano não apenas inventa novas tecnologias, mas também as critica e se adapta a elas, transformando a comunicação em um campo de experimentação (Ferrara, 2022, p. 18). Esse aspecto é particularmente visível no fenômeno da plataforma, onde as infraestruturas digitais oferecem novas *affordances* que possibilitam tanto a inovação quanto o reforço de padrões preexistentes.



Gillespie (2010, 2014, 2021) enfatiza que as plataformas digitais operam como mediadores ativos da circulação da informação, organizando, classificando e regulando conteúdos de forma sutil, mas determinante. Portanto, ao operar como curadores da informação, os algoritmos das plataformas determinam quais conteúdos ganham visibilidade e quais são marginalizados, criando um ecossistema informacional altamente regulado por lógicas algorítmicas.

A relação entre midiatização e invenção também nos leva a refletir sobre como a tecnologia influencia a epistemologia da comunicação. Ferrara afirma que a midiatização não deve ser vista apenas como um fenômeno tecnológico, mas como uma experiência de aprendizagem que exige a capacidade de inventar e transformar as formas de comunicação (Ferrara, 2022, p. 18). Tal processo, porém, não ocorre sem desafios.

Como adverte a autora, se a midiatização for reduzida a uma rotina liderada por códigos e modulações tecnológicas, há o risco de transformá-la em um hábito previsível e autoexplicativo, semelhante ao funcionamento dos algoritmos (Ferrara, 2022, p. 19). Essa preocupação dialoga com a análise de Jairo Ferreira (2022), que vê os algoritmos como signos lógicos estruturantes e estruturados. Para o autor, os algoritmos não apenas organizam e indexam conteúdos, mas também operam como novos símbolos sociais, moldando percepções e influenciando a produção do conhecimento (Ferreira, 2022, p. 232). Assim, a IA e a plataformização da comunicação não podem ser analisadas apenas como processos técnicos, mas como fenômenos que reconfiguram relações de poder e significação na sociedade midiatizada.

Outro ponto central na reflexão de Ferrara (2022) é a distinção entre midiatização e circulação transmissiva da informação. A autora argumenta que a midiatização não deve ser confundida com a simples difusão de conteúdos mediados pela tecnologia, pois representa um processo mais amplo, que reinventa o mundo e as relações humanas (p. 21). Essa perspectiva reforça a necessidade de uma abordagem metateórica que vá além da análise funcionalista das plataformas digitais e da IA, buscando compreender os



tensionamentos entre estrutura e agência na comunicação midiaticizada. Braga (2022) aponta que cada inovação tecnológica é seguida por um período de instabilidade e reajuste, no qual a sociedade precisa desenvolver novas estratégias interacionais para lidar com os desafios impostos pelas novas mediações (Braga, 2022, p. 51). Isso significa que a relação entre IA, midiaticização e plataformas não pode ser vista como um processo linear, mas como um campo de disputas, no qual diferentes atores – humanos e não humanos – competem pelo controle da informação e pela definição dos sentidos comunicacionais.

3. Tensões comunicacionais da midiaticização

Uma abordagem metateórica da atuação das IAs no contexto das sociedades em midiaticização permite avançar na tese de que os fluxos comunicacionais estabelecidos pela relação entre mídia, tecnologia e interação, mediada pelos algoritmos, não constitui uma avenida de livre tráfego. Tais elementos tensionam-se mutuamente, pois advêm de origens e modos sistêmicos de funcionamento profundamente diferentes entre si. A própria relação humano/não-humano traz consigo um grau ponderável de complexidade, a ponto de podermos afirmar, como o fizemos em recente estudo (Normando e Signates, 2025), que a relação entre ambos não é comunicação, e sim o que, conforme Luhmann, seria um “acoplamento estrutural” (Luhmann, 2016).

Nesse sentido, ainda procurando inferir um tratamento metateórico à questão, supomos que a mediação algorítmica parece funcionar como **reduzora de tensionalidades**. Numa funcionalidade semelhante aos processos sistêmicos luhmannianos de redução de complexidade, tais reduções de tensionalidades parecem operar tanto no processo de interação máquina/máquina (acesso aos bancos de dados e identificação de padrões estatísticos convertidos em linguagem simulada), quanto nas complexas interações com os usuários, ante os quais desenham-se possibilidades e limites de produção/reprodução



de conhecimento e, também, as remodelagens ativadas pelos modos de utilização dos usuários, em regime de reconfiguração automática (*machine learning*), a serviço de interesses técnicos e comerciais específicos, somente empiricamente descritíveis (ainda é a operação humana, a ação criativa do usuário, um dos componentes mais significativos de imprevisibilidade nos modos como se desenvolvem esses aparatos de engenharia digital).

Observe-se que, em vista das elevadas taxas de atividade e energia consumidas nessas operações, bem como na febril dinâmica social que lhe é consequente, os redutores algorítmicos de tensionalidades, na verdade, são produtores de novas tensionalidades, a serem pesquisadas e desveladas a partir da observação empírica. São tensionalidades comunicacionais relevantes, como, por exemplo, as comunicabilidades produzidas pelas operações de escolha de conteúdos tensionadas com as incomunicabilidades determinadas pelos padrões não-éticos, sejam comerciais ou meramente estatísticos, de suas variáveis determinantes. Ou as tensionalidades desveladas nas incomunicabilidades das inovações tecnológicas, que eclodem em comunicabilidades inesperadas, ou aquelas que se especificam no reforço a padrões, como comunicabilidades estabelecidas que tendem a incomunicabilidades dogmatizantes na relação de conhecimento.

A mediação é, nesses casos, o contexto em que esses tensionamentos se reproduzem, operando circuitos comunicacionais cada vez mais complexos, em meio a acoplamentos estruturais incapazes de se comunicar, mas que se irritam mutuamente, interferindo no processo geral ou nos sentidos da própria dinâmica da mediação em curso. É efetivamente gigantesco o desafio à pesquisa e ao conhecimento, que tais contextos inferem, mas temos razões para crer que a observação metateórica das tensões comunicacionais pode trazer aportes significativos e contribuir para desvelar tais processualidades mediadas de alta intensidade.

Referências



BRAGA, José Luiz. Sapiens... qui nesciat: a aprendizagem social e o Homo sapiens midiaticizado. In: FERREIRA, Jairo et al. (org.). **Sapiens midiaticizado**: conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2022. p. 43-61.

FERREIRA, Jairo. Semiose midiaticizada e poder: interfaces para pensar os meios algorítmicos e plataformas. In: FERREIRA, Jairo et al. (org.). **Sapiens midiaticizado**: conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2022. p. 213-235.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Mídia e poder: o que se diz e o que se pensa. In: FERREIRA, Jairo et al. (org.). **Sapiens midiaticizado**: conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2022. p. 15-25. 978-65-5773-039-3.

GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. In: BOCZKOWSKI, Pablo; FOOT, Kirsten; GILLESPIE, Tarleton (eds.). **Media Technologies**: Essays on Communication, Materiality, and Society. Cambridge: MIT Press, 2014. p. 167-194. DOI: 10.7551/mitpress/9780262525374.003.0009.

GILLESPIE, Tarleton. The politics of 'platforms'. **New Media & Society**, v. 12, n. 3, p. 347-364, 2010. DOI: 10.1177/1461444809342738.

GILLESPIE, Tarleton. Platforms. In: BLAIR, Ann; DUGUID, Paul; GOEING, Anja-Silvia; GRAFTON, Anthony (eds.). **Information**: A Historical Companion. Princeton: Princeton University Press, 2021. p. 660-668.

LUHMANN, Niklas. **Sistemas sociais**: esboço de uma teoria geral. Petrópolis: Vozes, 2016.

NORMANDO, Jullena; SIGNATES, Luiz. **Comunicação e inteligência artificial**: interações, simulação e desafios éticos na IA generativa. Goiânia: UFG, 2025 (texto inédito).

NORMANDO, Jullena; SIGNATES, Luiz. **A comunicação antes da linguagem**: a questão da sofisticação da IA generativa. Goiânia: UFG, 2025a (texto inédito).



**Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais**

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 7 (2025)

SIGNATES, Luiz. **Metateoria das tensões comunicacionais**. Goiânia: Cegraf/UFG, 2025.